



mapa das de **ZONAS** **vizinhanças**

**Tecnologia para encontros
(im)possíveis no fazer políticas
públicas de guardas municipais e
articuladores da juventude em
territórios vulnerabilizados de Sobral.**

Thamila Cristina dos Santos da Silva



B-boy margem do rio
Guarda-cantora

mapa_{das}
de ZONAS
vizinhanças

Artista-articulador

Cartógrafa-formadora
atuante nas políticas
públicas

Estado violento

Sobral
2022

**Mestrado profissional de Psicologia e Políticas Públicas -
Universidade Federal do Ceará - Campus Sobral**

Participantes

B-boy Moisés

Genete

Leo Alves

Orientadora

Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa

Ilustração do rio

Clara Dilernia

**Projeto gráfico, textos, Fotografias,
Edição de som e vídeo**

Thamila Santos

**Para aqueles que narram,
que não esquecem,
que dançam,
que trabalham nas trincheiras,
que não sucumbem aos projéteis e
que inventam outros caminhos.**

**"você fez que
o mapa de mo
cidades dista
outra exato
fizessem s
front**

Ana Martins

**estão de dobrar
do que nossas
antes uma da
os 1.720 km
ubitamente
eira."**

s Marques



rotas

zonas vizi- nhança

13 Plano de voo

15 A que serve essa
inimizade?

18 Saídas

20 Rotas de atenção

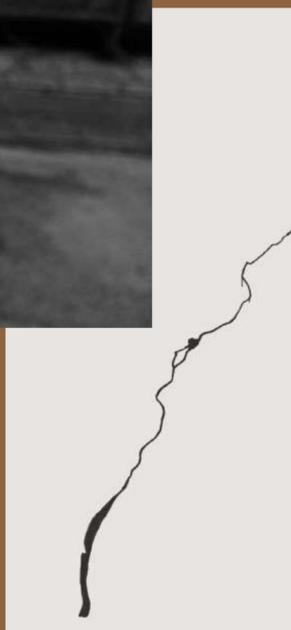
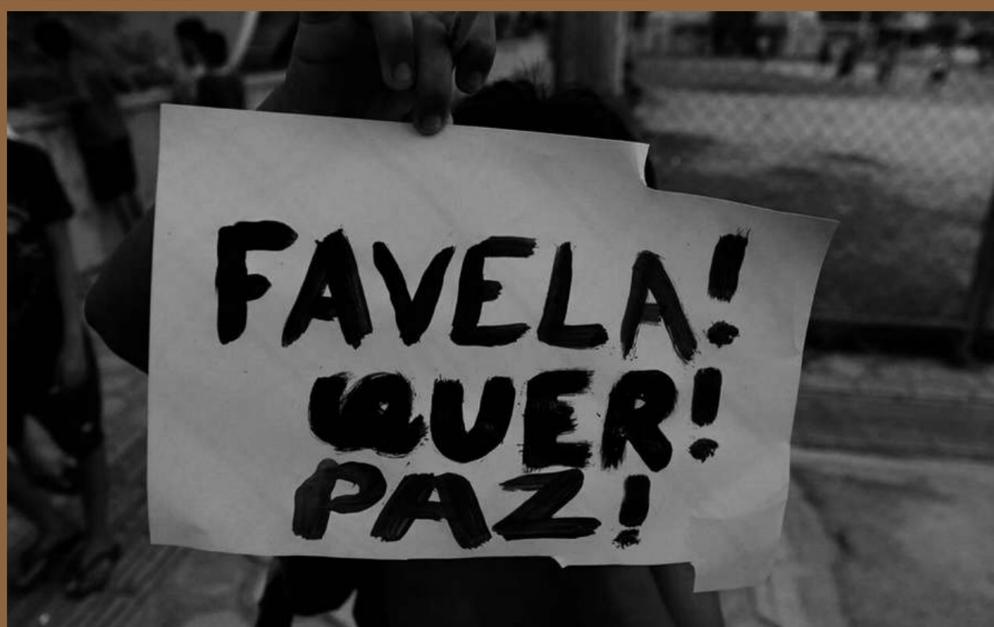
24 A vizinhança como
dispositivo metodológico

26 Percurso

28 Modo de fazer mapas
de vizinhanças

30 Rotas de atenção

32 Personagens



36 Arte, política e
perguntas

40 Comunidade de
aprendizagem

42 Conversações
ficcionais entre
violências e
resistências



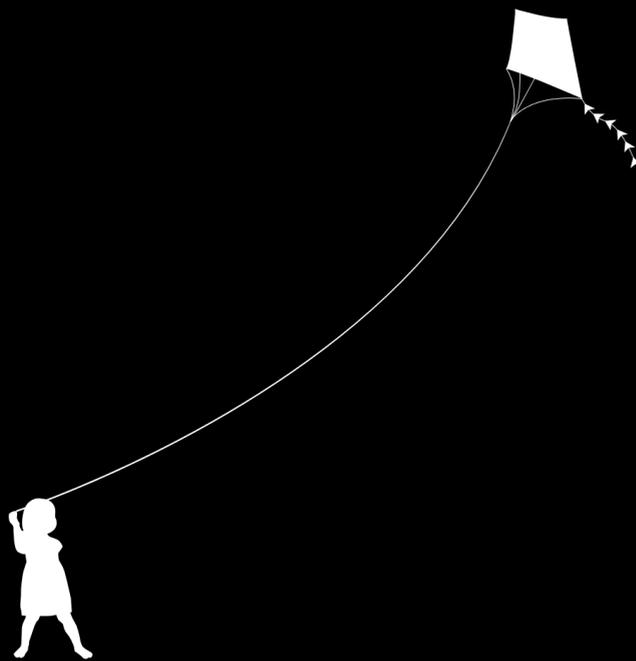
58 Um modo de concluir

mapa das zonas de vizinhanças

2022



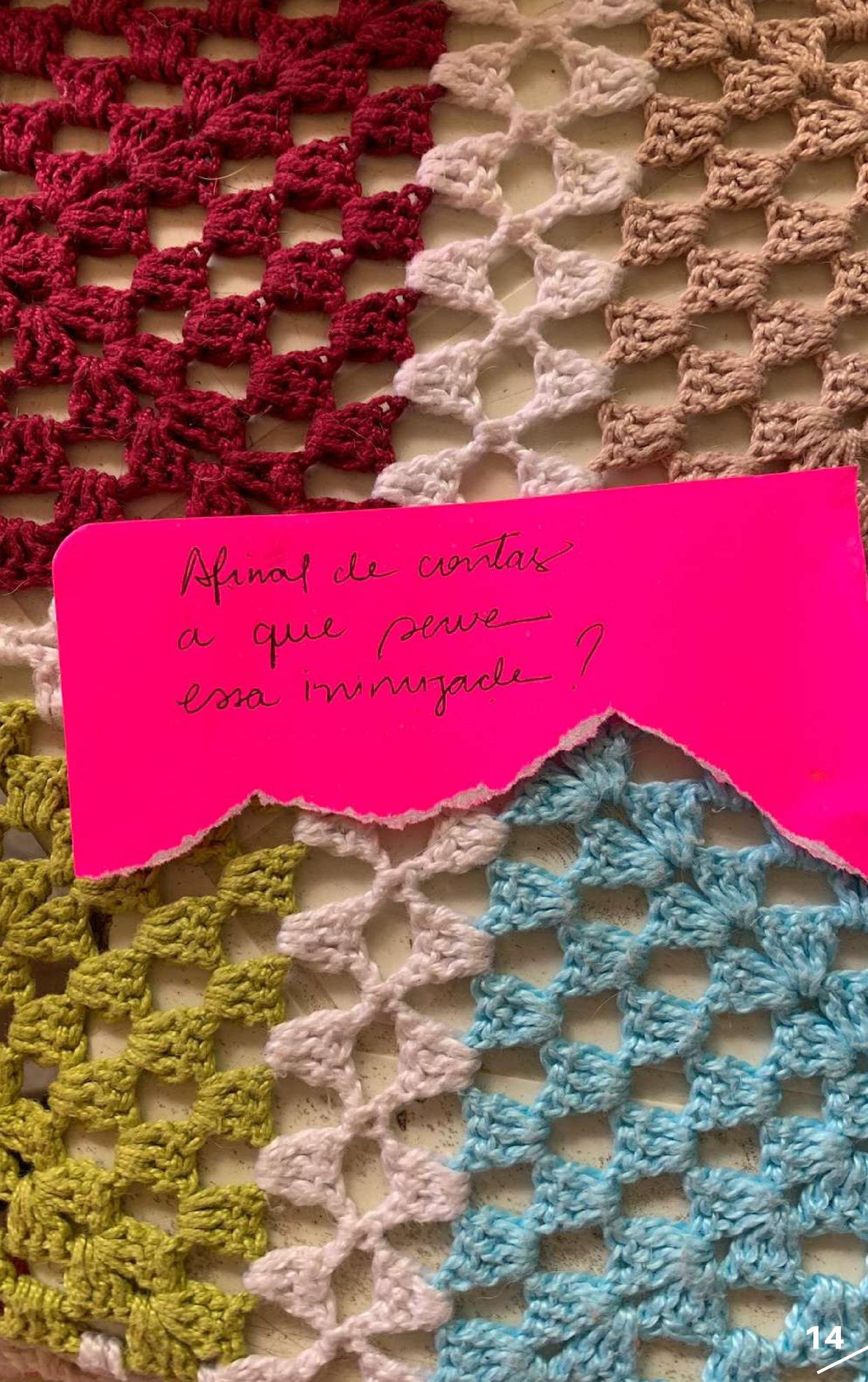
plano de voo



**Olá, quero te contar um pouco
sobre este livro e o que me
levou a escrevê-lo dessa forma.
Topa ouvir?
Então aponta a sua sua câmera
para o QR code.**



Não conseguiu pelo QR code, [clique aqui.](#)



Al final de cuentas
a que serve
essa imitacao?

Mbembe (2020) descreve que o motor do princípio necropolítico é o racismo, este poder opera por uma espécie de reversão entre a vida e a morte, como se a vida não fosse outra coisa senão o veículo da morte. Esse princípio "(...) está em ação no processo pelo qual, atualmente, a simulação permanente do estado de exceção justifica a "guerra contra o terror" (..) uma guerra que extrai suas armas do "mal" que alega erradicar." (Mbembe, 2020, p.69).

Deste modo, diante de uma guerra de "erradicação do mal", reivindica-se o direito à crueldade, à tortura e à detenção ilimitada de algumas populações, dentre estas negras e negros, indígenas, mulheres, transgêneros, pobres, imigrantes e outros grupos em condição de vulnerabilização. No governo do terror, é necessário dirigir-se a um grande inimigo que devemos a todo custo aniquilar. (Mbembe, 2020). A ficcionalidade de um inimigo sustenta as políticas de morte e naturaliza o extermínio do Estado, como ressalta o autor.

Esta pesquisa se insere neste panorama de acirramento de violências, mais precisamente as que se expressam por homicídios de adolescentes e jovens e se manifesta de forma ampliada na região Nordeste do Brasil. A taxa de homicídios no Ceará cresceu 159,7% ao longo de 11 anos. O índice passou de 23,2 homicídios por 100 mil habitantes em 2007 para 60,2 em 2017, conforme demonstra o Atlas da Violência (2019), a partir dos dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) e do Ministério da Saúde. (CADA VIDA IMPORTA, 2019.2).



Mbembe, Achille. (2020). Políticas da inimizade; São paulo: n-1 edições.

Cada vida importa: relatório final do comitê pela prevenção de homicídios na adolescência. governo do estado do ceará. (2019.2).

Em 2020, dados da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social, apontaram que a violência letal contra meninas adolescentes disparou. De 114 adolescentes que haviam sido assassinadas no estado do Ceará em 2018, houve um aumento de 43% em relação a 2017 e de 322% em comparação com 2016.

As políticas públicas de direitos humanos e prevenção de violências se inserem neste cenário de expressiva violência letal e os efeitos da necropolítica repercutem nos agentes que trabalham em territórios vulnerabilizados.

Como enfrentamento a esse problema, tomamos como inspiração o relatório Cada vida importa (2016) que expressa evidências e recomendações que atuam na transformação da situação de violência e vulnerabilização dos territórios periféricos. Destacamos dentre elas, os apontamentos para políticas formativas em direitos humanos com agentes de segurança pública.

Nessa perspectiva, foi pelas/nas composições entre nosso trabalho como gestora pública na Unidade de Gerenciamento de Projetos de Prevenção de Violências (UGP-PV), a vida em Sobral e as resistências em curso, que formulamos as questões desta pesquisa: *Como uma política de formação com guardas municipais e articuladores e articuladoras da juventude enfrenta questões da necropolítica e engendra resistências nos processos cotidianos de trabalho?*

Então, como fazer?

Cartografando as experiências cotidianas de Guardas municipais e articuladores de juventude que vivenciaram processos formativos em Direitos Humanos na UGP-PV entre os anos de 2018 e 2019, uma vez que a unidade tem constituído diretrizes formativas desde o ano de 2018 para agentes da política pública que trabalham com prevenção de violências.

FAVELLA
LOVER!
PAZ!

Saií das

A necropolítica é um pensamento complexo que oferece muitas formas de compreensão para processos políticos contemporâneos. Letícia Parks (2021) faz uma leitura crítica desse conceito e nos lembra que “é preciso dizer que está apontado para nosso futuro um caminho de morte, mas também está apontando um caminho de que não é desilusão, morte e distopia.”

Essa noção crítica envolve a denúncia de uma política de morte, mas sobretudo, amplifica as lutas em curso de trabalhadoras e trabalhadores que tem sido elaboradas no presente, onde guerra e política não estão descoladas.

No sistema colonial capitalista, é lucrativo propagar que não há saída. Contudo, como ressalta Parks (2021), o mundo está em convulsão, as vidas negras, feministas, indígenas e proletárias não estão silenciadas diante da opressão e exploração, por isso, novas lutas estão por vir e é sempre possível transformar mundos.



Assista ao vídeo
O que é necropolítica?
com Letícia Parks.

Aponte sua câmera para o
quadradinho ao lado ou clique
[neste link.](#)



escuta

Apostando na perspectiva de que é possível transformar mundos elaboramos o objetivo deste trabalho: cartografar as expressões de enfrentamento à necropolítica que atravessam o fazer de guardas e articuladores da juventude em territórios vulnerabilizados, através da criação de um dispositivo formativo artístico-político intitulado mapa das zonas de vizinhanças.

O *Mapa das zonas de vizinhanças* é um dispositivo artístico-político que põe em conversação as aprendizagens no/com o território de agentes da política pública.

O dispositivo se propõe como espaço formativo pois atualiza questões das formações vivenciadas anteriormente pelos sujeitos na UGP-PV e relança problematizações sobre os modos cotidianos de fazer política pública.

É uma experiência de encontros (im)possíveis a partir da escuta, do vínculo e da narrativa. De modo que articuladores de juventude e profissionais da segurança pública transitam entre zonas de conflitualidade e tensão.

Vínculo



rotas de atenção

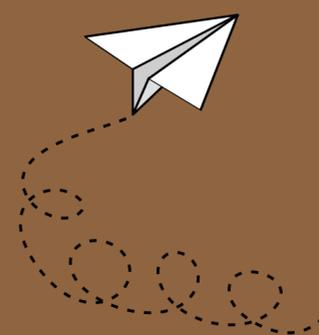
Importante considerar que a ideia de um encontro (im)possível entre agentes da política pública não propõe um apaziguamento e/ou neutralização das forças de tensão, contradição e complexidade entre territórios vulnerabilizados pela segurança pública. A política de aniquilamento brutal que o Estado produz, tendo a militarização como projeto de morte, é estrutural e estruturante de um sistema colonial, capitalista e burguês. Por isso, propomos através do Mapa das zonas de vizinhanças um diálogo formativo entre dois articuladores de juventude e uma guarda municipal que se expressa como uma conversa forjada a partir das complexidades e sensibilidades nos modos de fazer e de re-existir frente ao necropoder.



Para continuar esse diálogo sobre as condições de (im)possibilidade que a necropolítica produz em territórios vulnerabilizados, te convidamos a escutar a música do artista cearense Mateus Fazeno Rock, Do Harlem a Cajazeiras.

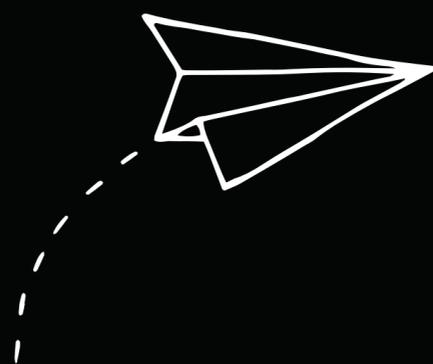
Se possível, escute sem pressa. Aponte a câmera para o quadrado ao lado ou clique neste link:





*Espaço reservado
para movimento
dos pensamentos.*

ou para sentimentos agudos.



A vizinhança como dispositivo metodológico

A noção de vizinhança surge como um horizonte ético pois se relaciona com a problemática da pesquisa, já que nos interroga como produzir uma vizinhança entre trajetórias que comumente estão em pólos de inimizade cruzados pela necropolítica.

A ficcionalidade de um inimigo sustenta as políticas de morte e naturaliza o extermínio do Estado, como analisa Mbembe (2018). Tentamos elaborar, portanto, outro exercício político a partir da ficção, problematizando como os campos da arte, da política e dos direitos humanos podem ser instrumentos de imaginação política de enfrentamento ao necropoder.

Utilizamos a expressão ficção em diálogo com os estudos de Rancière (2009) sobre arte e política, não como oposição a um regime de verdade mas como efeito político que faz emergir o laço social a partir de vetores como a memória, o discurso, as narrativas e as imagens. Nesse sentido, “A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem ‘ficções’, isto é, rearranjos materiais dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o se faz e o que se pode fazer. (2009, p. 59).



REFERÊNCIA

SE
LIGA
NA

Mbembe, Achille. (2018). Necropolítica. (3. ed). São Paulo: n-1 edições.

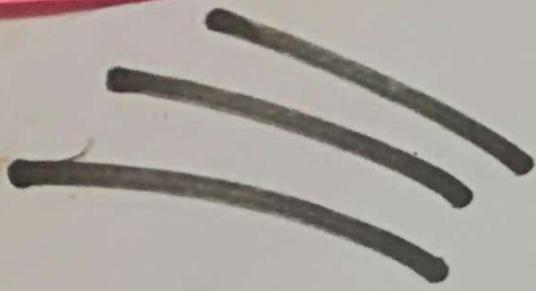
Rancière, Jacques. (2009) Se é preciso concluir que a história é ficção. dos modos de ficção. in: a partilha do sensível: estética e política. (2. ed). (pp. 52-62). São paulo: exo experimental org.; Editora 34.

A noção de vizinhança se expressa como tentativa de um caminho metodológico de desmanche das polaridades e diluição de fronteiras impostas pela necropolítica. Nesse sentido, a intencionalidade da dimensão de vizinhança foi nossa aposta de travessia entre lugares diferentes.

Se com a necropolítica a ficcionalização do inimigo cria territórios fixos cujo principal objetivo é delimitar para apagar as diferenças com a exclusão de várias existências; apostar na vizinhança pelo plano da alteridade desmancha fronteiras entre territórios fixos.

O projeto de aniquilamento da necropolítica produz impedimento de conversa. Incide aí, portanto, um a proximidade sempre ao avesso, sempre marcada pela violência e pela repressão. Nesta pesquisa, o mapa é um caminho que ficciona outra operação para este encontro.

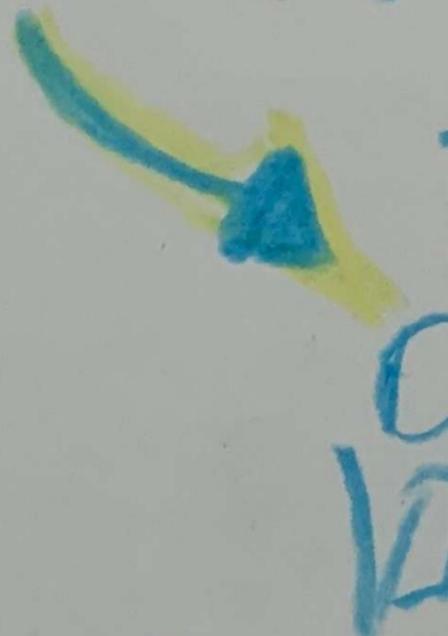
Uma aproximação para a politização de uma conversa, que suporta as complexidades que habitam esses territórios. Um encontro formativo que abre passagem para reviravoltas intensidades, deslocamentos e forças que se expressam entre esses percursos.



PENCO

1

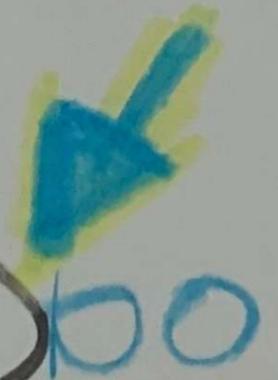
ENTREVISTA
CARTOGRAFIA



(COM

3

CRIAÇÃO



(UMA CONVERSA FE

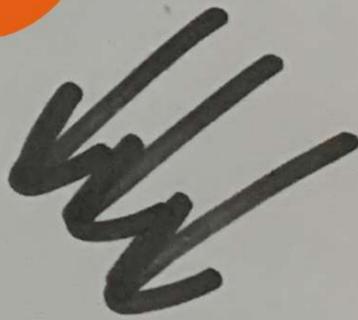
~~UMA~~ 
passo a passo

TAS

CAS]

2

ELABORAÇÃO



DOS MAPAS DE
VIZINHANÇAS

(CADA PERSONAGEM)

MAPA DAS ZONAS

E VIZINHANÇAS

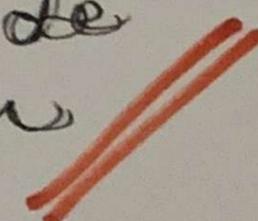
(ADICIONAL ENTRE MAPAS)

>>>> Modo de fazer
Mapa de

Uma pesquisa
com as

perguntas

tintas,
pincéis
folhas,
Lápis de
cor



perguntas
que
verram sobre
sobre a memória
das formações da
UBP-PV e as
aprendizagens e
ensinamentos do povo
o território e do com
os fazeres da guarda
municipal e articuladores
da juventude.

>>>>>

criar algo com a
dispor de uma
experimentação
fazer com elas e
cruzando os fra
conversas, das
sons, esculpindo
as dúvidas e as
surgiram ao lon
percurso.

criar um
vizinhanças: <<<

+ imagens +

Personagens
que possibilitem
encontros com a
diferença



as pessoas e

o sensível para
eles,
gmentos das
perguntas, dos
lo as imagens,
pistas que
go do

foto grafias
que dialogam
com cenas da
pesquisa registrada
pela pesquisadora nas
intervencões do trabalho
nas políticas.



rotas de atenção

A partir de uma política de narrativa, optamos por apresentar os participantes da pesquisa como personagens que suscitam nossa imaginação política, nomes que catalisam forças trazidas na conversa como analisadores de seus processos de subjetivação. Todos os participantes autorizaram o uso das imagens e do nome próprio nos registros da pesquisa. Escolhemos inventar outro modo de chamá-las e chamá-los para que o exercício de nomear as pessoas, as paisagens e as políticas sejam também fruto de um encontro com a alteridade, um efeito de diálogo com aquilo que não se é (como acabado) mas pode vir a ser no/do encontro. São personagens da pesquisa: margem do rio, Estado violento, artista-articulador, b-boy, guarda-cantora e cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas.

Os itinerários das entrevistas cartográficas foram vivenciados em um mundo pandêmico após a segunda onda de covid, com a liberação e flexibilização do uso social dos espaços públicos.

Fiz a primeira entrevista com artista-articulador e esse encontro foi muito importante para os passos seguintes da pesquisa. Durante o percurso ao seu encontro, gravei um vídeo para registrar as cenografias de trânsito entre um lugar para o outro.

Descrevo um pouco sobre essa experiência no diário de campo e que tempos depois se transformou em uma experiência audiovisual que compõe a narrativa do trabalho.

Para acessar o vídeo, aponte sua câmera para QR code ou clique [neste link](#).



Personagens

Artista-articulador

B-boy

Guarda-cantora

Margem do rio

Estado Violento

Cartógrafa-formadora

atuante nas políticas públicas



rio acaraú
sobral



"Há poder em olhar."

bell hooks, *Olhares negros: raça e representação*

**"Quando o cano das armas se cala
O kuduro também fala
Porque a voz tem mais poder que a bala."**

Kalaf Epalanga, *Também os brancos sabem dançar*



hooks, bell. (2019) *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante.

Epalanga, Kalaf. (2018). *Também os brancos sabem dançar*. (1 Ed.). São Paulo: Todavia



TERRITÓRIO

ARTICULADORES



GUARDA

POLÍTICA PÚBLICA

Arte, política

Destacamos o aspecto ético-político-estético na elaboração dos mapas de vizinhanças. O agenciamento com uma política do sensível expressa uma experiência de sentido através dos encontros.

Por isso, o dispositivo artístico foi construído com os personagens e cultivou a ideia de um ateliê de experimentação, com ideias provisórias, nômades, inacabadas, evocadas a partir de um outro tempo de relação com a atenção e com a aprendizagem.

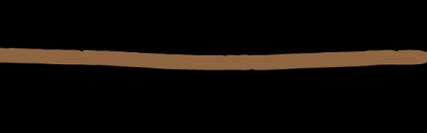
Houve intencionalidade na criação desse tempo de pausa, de encontro e de experiência. Os personagens escolheram os espaços da entrevista e pensamos na composição da ambiência, a escolha dos materiais e na curadoria das imagens que se relacionavam com o cotidiano do trabalho das formações realizadas pela UGP-PV.

e as perguntas

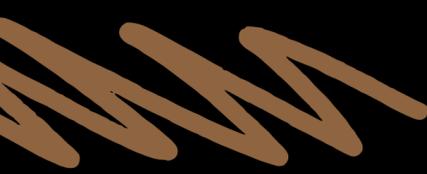
Elaboramos algumas perguntas para as entrevistas cartográficas que versavam sobre a memória das formações da UGP-PV, as aprendizagens e ensinamentos do/com o território e com a guarda municipal.



Qual memória você tem da formação vivenciada na UGP-PV?



O que/como você aprende com o território?



O que/como você ensina ao território?



O que/como você aprende com a guarda municipal?



O que/como você ensina a guarda municipal?

As perguntas movimentaram a conversa e conjugaram linhas de articulação entre os aprendizados desses agentes das políticas públicas com seus fazeres e territórios.



TERRITÓRIO

ARTICULADORES



GUARDA

POLÍTICA PÚBLICA

comunidade de aprendizagem

A dimensão formativa do mapa das zonas de vizinhanças se estabelece no plano comum entre as questões do cotidiano compartilhadas pelos personagens. A ideia de formação que se expressa como deformação, um exercício de decolonialidade do pensamento e transversalização de saberes, práticas e redes.

Fazemos vizinhança aos estudos multiculturais da pedagogia crítica de Paulo Freire e bell hooks que nos ativam o pensamento para mundos diversos.

Para lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (hooks, 2017, p22)

Nesse sentido, a ideia é pôr em diálogo os mapas dos personagens para produzir fricções e rotas que mobilizem o pensamento e as práticas. Utilizaremos para essa discussão localizadores-analisadores como pontos de intensidade das cartografias de enfrentamento à necropolítica no cotidiano de guardas municipais e articuladores de juventude.

Para isso, apresentamos a seguir algumas cenas analíticas elaboradas pelo cruzamento dos mapas de vizinhanças de artista-articulador, b-boy e guarda-cantora. Um diálogo que convida os outros personagens da pesquisa a também se colocar em vizinhança, como margem do rio, Estado violento e cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas.



**SE
LIGA
NA
REFERÊNCIA**

hooks, bell. (2017) Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. (2 ed). São Paulo: editora wmf martins fontes.

**CONVERSACÕES
FICCIONAIS
ENTRE
VIOLÊNCIAS E
RESISTÊNCIAS**



Localizadores

O território é diverso. (...) O que faz eu andar lá (em um bairro rival) é que a galera tem respeito pelo que represento, o crime mesmo sabe disso, eles têm a lei mas eles sabem que às vezes é preciso ceder. (...) eles dizem: aquele cara é o cara do hip hop, ele vem aqui para fazer cultura para os pivete e essa construção abre passagem.

(Trecho da entrevista cartográfica com b-boy, 2022).

Tem uma frase do Djonga... "Dei um emprego pra você que estava no crime e apaziguei a treta". Se liga? Acho que a arte dá um lugar. A arte é uma forma da pessoa se descobrir, acredito que todo mundo quer se encaixar em algo, tende a querer se descobrir em certo lugar, com certo tipo de gente, com algum grupo... A arte possibilita isso, além do tipo físico, da estética... qualquer tipo de arte é válida desde que a pessoa se sinta bem. A arte abre caminho para construir uma identidade. (Trecho da entrevista cartográfica do B-boy, 2022)

Arte

Formação na periferia

uma das coisas importantes que eu ensino para os pivete é ser resistência. Saber do lugar onde você mora e tentar acessar outros espaços não porque você quer chegar ali se metendo nos espaços dos outros mas porque é um espaço que você deve ocupar. (Trecho da entrevista cartográfica do artista-articulador, 2022)

A luta para passar a informação para os pivete é essa. Pegar conhecimento para passar para os irmãos que não podem ter acesso por conta dos conflitos territoriais. Isso é crucial, formar nossos pivetes para dar tiro e informação na cara do sistema. (Trecho da entrevista cartográfica do artista-articulador, 2022).

Artista-articulador toca nessa ferida quando fala que seu corpo é flagrante, quando mostra a forma como a cidade é desenhada para favorecer alguns corpos e rejeitar outros. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

Subjetividade criminalizada

Ele recorda da experiência de subir ao palco da virada cultural no Arco do triunfo para cantar no aniversário da cidade e da sensação de alegria de cantar no palco principal da cidade, com tantas pessoas lhe ouvindo, um fragmento de glória, autoestima, realização pessoal e profissional enquanto se deu conta de que na plateia jovens periféricos sofreram um "baque" violento da polícia militar. (Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

analisadores

Territórios

Quanto mais mergulhei no universo de um território diferente do que habito ou de uma experiência de ofício que não vivo, mais questioneei os traços de colonialidade da branquitude, da militarização da polícia e da política, da hierarquia da cidade e do aniquilamento de alguns corpos. Questões que interseccionam a condição de violência cotidiana dos personagens da pesquisa e tem efeitos em relação aos nossos avizinhamentos.

(Trecho do diário de campo da cartógrafa-formadora, 2022)

O território é muito diverso, às vezes tem situações que eu não gostaria de aprender. (...) Ter a presença de situações muito nocivas tão cedo na vida, desestrutura uma certa vontade de querer ser algo ou então querer fazer algo massa. (...) ver corriqueiramente coisas pesadas, arma, droga, briga entre família, vizinhos. (Trecho da entrevista cartográfica de b-boy, 2022)

Margem do rio

No decorrer da minha trajetória eu fiz amizades muito profundas através da guarda. A dona Socorro, uma vizinha aqui da margem do rio, eu conheço desde os anos 90. Eu vinha aqui na casa dela e tomava um café todos os dias, papeava bastante. Quando eu soube que ela estava com Covid eu me desesperei. Covid é traiçoeiro. Antes de vir pra entrevista eu passei na casa dela ali em cima e chorei bastante com a filha dela. Então, as amizades estão nesse meio, me ligam a guarda. (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022)

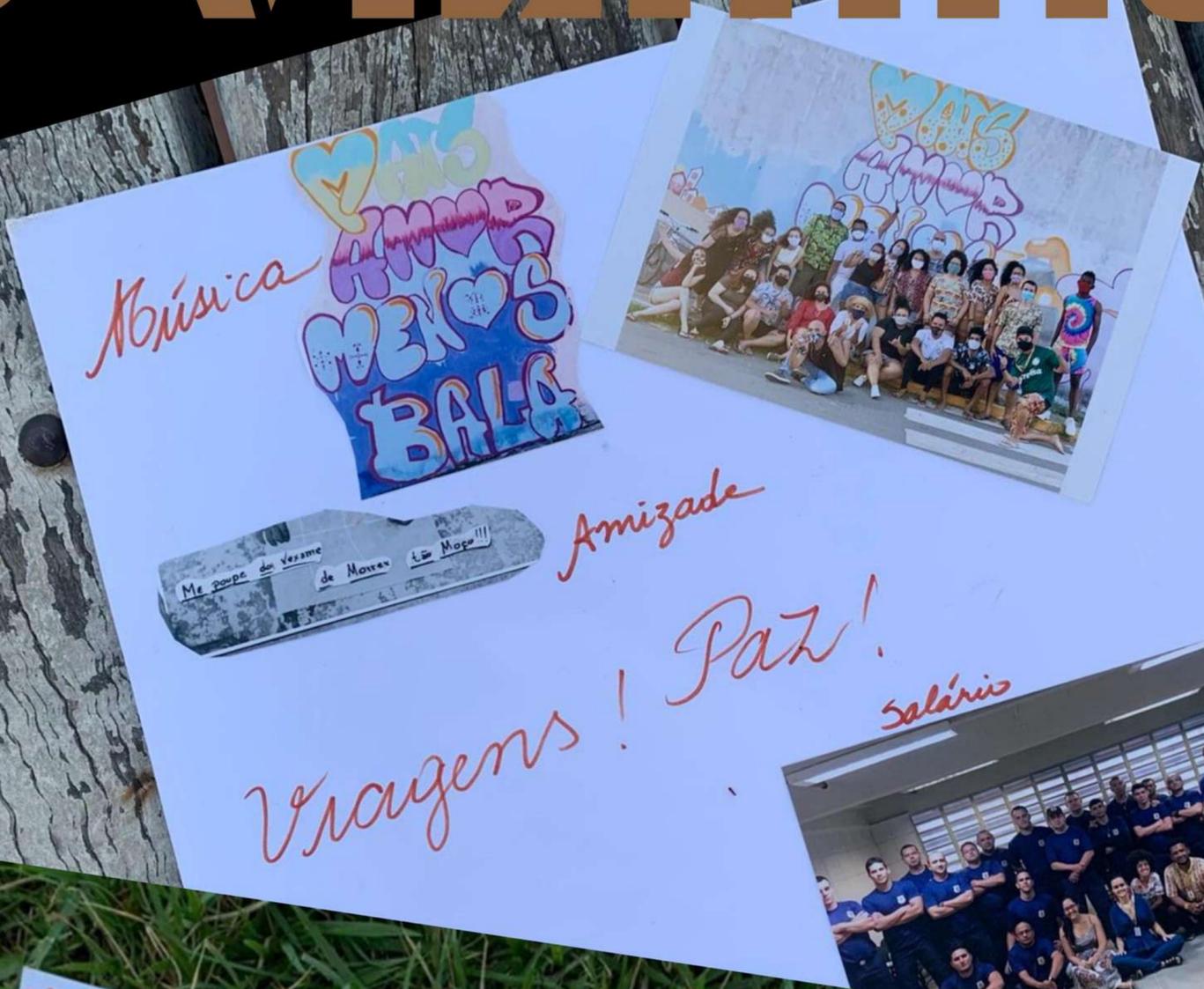
“O risco está calculado, o turno da manhã é mais de boa e tô com saudade da margem esquerda”. (Trecho do mapa de vizinhanças do artista-articulador, 2022).

Formação em direitos humanos

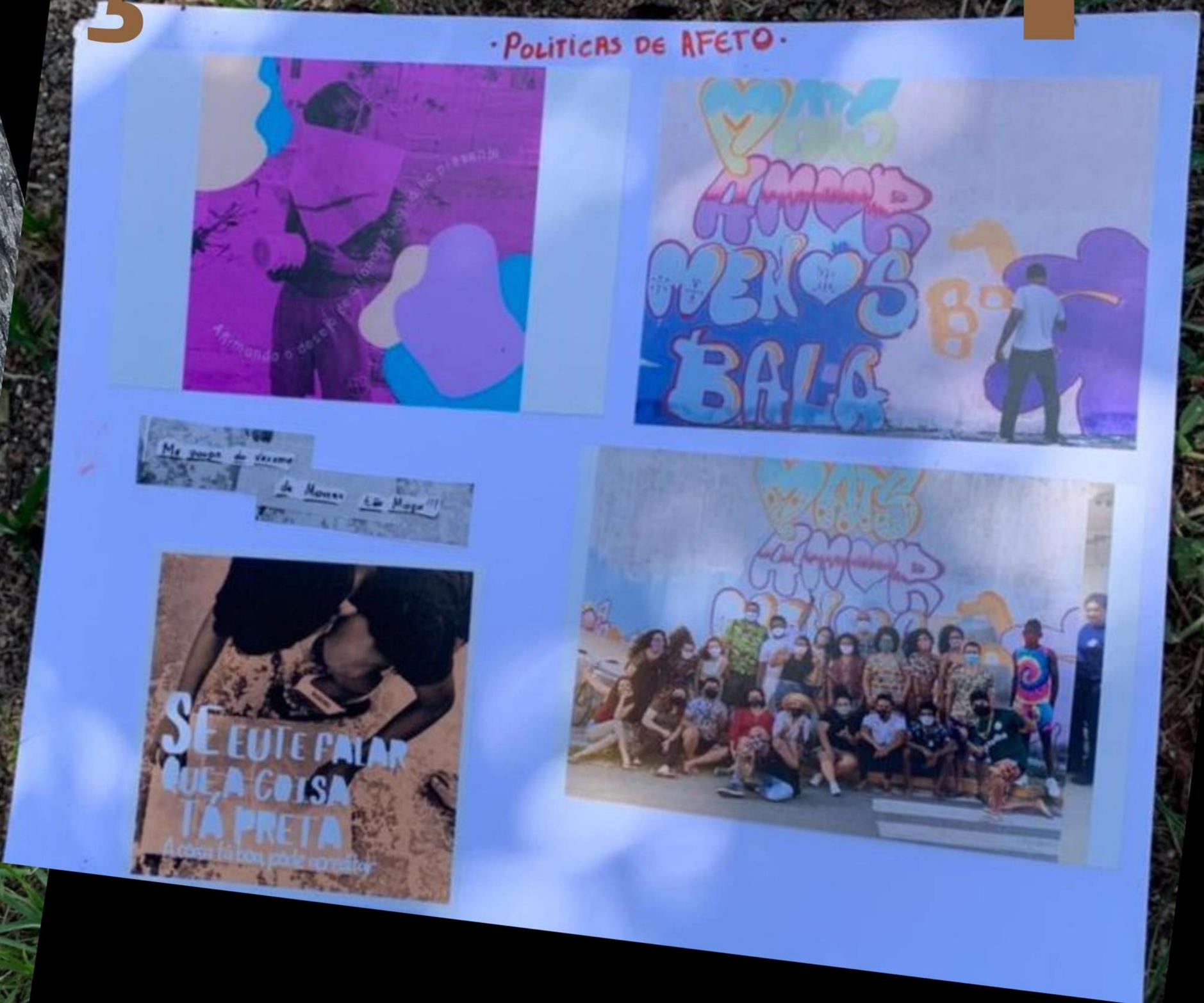
Naquela formação estávamos em campos diferentes. A galera dos direitos humanos, a galera da guarda. Só que tinha algo que nos ligava ali. (...) A cultura do medo é implantada nas pessoas, quase sempre o agente de segurança é inimigo e ele é inimigo não só porque você o teme mas porque eles agem como tal. (Trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022).

Eu fui pro curso meio que com raiva, quando eu cheguei no curso eu vi que os guardas que estavam lá estavam piores do que eu, foi uma resistência, falou de direitos humanos falou de algo ruim. Eu imaginava que direitos humanos era só pra defender bandido mas direitos humanos é pra defender o humano, os guardas, os policiais, os jovens, o bandido. E aí eu via que tudo que se falava lá os guardas rebatiam. Ai meu deus, estão piores do que eu. Aí eu comecei a ver com melhor olhos, com um olhar diferente do que eu estava imaginando. (trecho da entrevista cartográfica da guarda-cantora, 2022).

Mapas de vizinhança



Mapas



Destacamos o aspecto ético, político e estético na elaboração dos mapas. Os mapas construídos com os personagens cultivaram a ideia de um ateliê de experimentação, com ideias provisórias, nômades, inacabadas, evocadas a partir de um outro tempo de relação com a atenção e com a aprendizagem. Houve intencionalidade na criação desse tempo de pausa, de encontro e de experiência. Os personagens escolheram os espaços da entrevista e pensamos na composição da ambiência, na escolha dos materiais e na curadoria das imagens que se relacionavam com o cotidiano do trabalho das formações realizadas pela UGP-PV.



**rotas de
atenção**

Localizadores

Vozes que não podem ser silenciadas pela subjetividade criminalizada - como se o menino tivesse andando no céu

A noção do território como espaço de imaginação, afeto e acolhimento insurge como localizador-analisador comum nas três entrevistas. Artista-articulador partilha “que em momentos difíceis ninguém solta a mão de ninguém ali.”, expressando valores de solidariedade, dignidade e decência também atribuídos pela Guarda-cantora quando lembra do seu lugar.

B-boy desenha o território como um lugar fértil para imaginação. Ele cola a fotografia da formação em parkour da UGP-PV que mostra uma criança “brincando no céu” e faz um depoimento poético sobre a ilusão de ótica da imagem que merece ser considerado sem muita pressa. (A imagem e o relato seguem mais a frente).

A construção de um processo formativo com várias vozes, estabelece-se em vizinhança com a ideia de bell hooks sobre uma comunidade de aprendizagem e/ou sala de aula como prática da liberdade, quando as estratégias de ensino consistem em direcionar a atenção para as vozes uns dos outros, ligando o conhecimento ao ato de partilha de narrativas pessoais, usando “estrategicamente esse ato de contar - achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos.” (hooks, 2017)

analisadores

Voz usada por guarda-cantora para narrar como muitas pessoas têm medo de chegar até ela e quando a veem cantando, por exemplo, ficam abismadas. “Ela é a guarda?”. Parece algo contraditório, né? Mas não devia ser.” Parece que na relação com uma identidade fixa não é possível fazer cortes nas imagens, mudar de posição, aproximar e distanciar as coisas.

A vitalidade de sua voz pode ser ouvida e amplificada. Uma voz que contagia, um sorriso aberto, de alta frequência. A seguir, separamos um trechinho da entrevista onde ela canta infinito particular de Marisa Monte. É um deleite!

Pra ouvir, aponte sua câmera para o QR code ou acesse através deste [link](#).



*Espaço reservado
para suspiros*



**Vozes que não podem ser
silenciadas pela subjetividade
criminalizada - como se o menino
tivesse andando no céu**

Acho que essa imagem é muito interessante pela forma que ela foi tirada, é como se o menino tivesse andando no céu. eu acho que isso aqui é próximo do que a gente tenta fazer no território: andar no céu mesmo que esse céu esteja longe. Quem mora na periferia experimenta isso muitas vezes, é muito massa você sair à noite e ver muita gente na calçada. Você vai para o centro e não tem as pessoas conversando na calçada e na periferia apesar de tudo que acontece, tem criança jogando bola no meio da rua e empinando pipa. Acho que isso é como a pessoa morar na periferia e andar no céu ao mesmo tempo. (Trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022)

Localizadores

As lentes de uma educação menina em direitos humanos

A inspiração cartográfica me permitiu como cartógrafa-formadora atuante nas políticas públicas me prolongar em conversas com os personagens da pesquisa a partir de uma multiplicidade de lentes que já compunham meu ethos profissional e pessoal, como a linguagem das artes visuais e fotografia.

Por isso, as fotografias das intervenções da UGP-PV, das formações e do cotidiano com a cidade participam como elementos visualizadores para construção do mapa das vizinhanças. Elementos que narram uma poética visual da cidade e dos territórios que não destaca precarização e escassez mas, sobretudo, no que o cotidiano comunitário tem de comum, vivo, vibrante e inventivo.

Neste tópico utilizo a dimensão da lente como um localizador-analisador relevante para a pesquisa, cruzando as imagens dos mapas de vizinhanças dos personagens com minhas implicações como cartógrafa-formadora.

Para esse diálogo, recorro a um texto potente do Walter Kohan em alusão ao tempo da intensidade da educação libertadora, uma releitura da palestra do Paulo Freire na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), no dia 2 de junho de 1988, intitulada "Direitos Humanos e Educação Libertadora". A meninice e a infância expressam-se como movimento político na obra de Freire no sentido de:

analisadores

(...) um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina." (Kohan, 2021, p.7)

Os três personagens convidam às infâncias para compor seus mapas a partir de um território que se faz vivo e imaginativo pela presença brincante do menino no céu, como lido pelo b-boy ou uma menina cantora, que trama com os grupos de quadrilha do bairro uma voz que nunca se cala, como compõe guarda-cantora. Outra meninice que surge é o menino-pivete das quebradas com a pipa, a primeira imagem que artista-articulador coloca no mapa, se afirmando todo orgulhoso como "formador dessa galera", "vendo essa galera ter outra perspectiva."

O deslocamento da noção de poder na formação é muito significativo, quando o formador ou formadora é o agente periférico, reconhecido pela sua comunidade de aprendizagem como aquele que sabe, que vê, que narra e que luta.

O jogo simbólico e concreto de deslocamento nas imagens proposto pelo mapa de vizinhanças cultivou uma pedagogia de perguntas. A fotografia com o grupo da guarda municipal que participou da formação da UGP-PV em 2019 foi composta de três modos diferentes a partir da perspectiva de cada interlocutor(a).



Kohan, Walter. Quantos anos tem paulo freire? (2021) Educação: teoria e prática. Rio Claro, sp/ v. 31, n.64

Localizadores

As lentes de uma educação menina em direitos humanos

A fotografia não é uma representação da realidade mas uma produção, que possibilitou interstícios de conversa sobre a memória da formação anterior sobre os conhecimentos acerca dos direitos humanos.

Quando viu a fotografia, guarda-cantora provocou risos: "Eita, eu sai quase cortada da foto".

Artista-articulador produziu outros sentidos sobre a mesma imagem, revelando as questões de gênero e raça, observando quantos guardas municipais são negros e quantas eram mulheres, rememorando experiências truculentas de alguns desses agentes no território e cortando a imagem da guarda-cantora do restante do grupo para trazê-la para perto da fotografia de sua equipe de trabalho na UGP-PV.

Nos pomos a pensar que entre a experiência de quase sair cortada de uma das imagens para literalmente ser cortada para produzir vizinhança em um outro lugar tem um caminho que nos põe a pensar sobre a experiência de inclusão, exclusão e de aniquilamento. Nesse caminho, B-boy cria um outro vetor que contribui para a conversa, pois cola a fotografia da guarda municipal sob outra perspectiva, posicionando em vizinhança a fotografia de uma menina com uma câmera fotográfica olhando para a guarda. Como considero provocador nosso diálogo sobre esse movimento de intervenção no mapa, reproduzo ao lado na íntegra.

analisadores

B-boy: Acho que aqui (aponta pra foto dos guardas) era pra ser uma galera de lá (aponta para imagens da periferia). A segurança pública deveria ser feita por pessoas e não por fardas. Coloquei ela fotografando os guardas porque eu queria que ela visse os guardas que a gente não vê. Que ela visse não guardas mas pessoas que guardassem a periferia. As instituições de segurança não guardam as pessoas, os direitos das pessoas de ir e vir. Na minha visão, essa menina está vendo uma espécie de guarda que guarda os direitos humanos.

Cartógrafa-formadora: a forma como você compôs a imagem me fez pensar. Nesse movimento, você saiu da oficina de fotografia lá do morro, que a menina participava como estudante e a levou para ser formadora de uma educação em direitos humanos com os guardas. Houve um deslocamento aí. (trecho da entrevista cartográfica do b-boy, 2022).

É muito fértil essa referência à menina que olha uma guarda municipal que está por vir, que com seu olhar-menina, de meninice e infância, pode ser de outro modo, pode guardar a periferia no sentido de proteção e direitos. Essa elaboração do B-boy ressoa com aquilo que Kohan e Paulo Freire falam sobre uma educação-menina, pois (...) mostra também um certo caráter inacabado da luta política e da educação que a acompanha, uma certa tarefa de manter sempre viva e, no início, a luta política pelo gosto da liberdade, ou seja, manter a luta política como uma luta infantil, menina; uma luta que começa, mas nunca termina." (Kohan, 2021, p.7)



REFERÊNCIA

SE LIGA NA Kohan, Walter. Quantos anos tem paulo freire? (2021) Educação: teoria e prática. Rio Claro, sp/ v. 31, n.64



“

(...) menina, ali, é um qualificativo que não tem o sentido etário, de uma curta idade; não é menina, Paulo Freire afirma explicitamente, por ser “recém-chegada”, é menina “pela sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, por não temer sonhar, por querer crescer, criar, transformar”. (Freire, Faundez, 2017, p. 231 como citado em Kohan, 2021, p. 8)

”

Um modo de concluir

Se você chegou até aqui caminhou um bocado. Sugiro que você feche este livro, beba uma água e faça algo saboroso que te faça descansar. A pausa também é formativa, por isso colocamos alguns espaços reservados para suspiros e movimentos do pensamento.

Caso você tenha lido este livro e esteja curiosa(o) sobre a pesquisa de que tanto falo, te indico no final do texto o arquivo para a dissertação de mestrado profissional em Psicologia e Políticas Públicas de onde ele foi cultivado. São materiais complementares em formatos diferentes.

Será uma alegria ver os registros da pesquisa circulando, gestando inspirações e provocando outras formas de pensar e ficcionar formações com grupos e profissionais que estão em zonas de diferença.

Nosso desejo é que o *mapa das zonas de vizinhanças* possa ser um material replicável, embora mantenha-se apoiado na singularidade de cada grupo que possa vir a vivenciá-lo como método.

Que a gente não esqueça que o que faz viva uma revolução é o que faz viva uma educação em direitos humanos. Ou seja, aprender cotidianamente com a imaginação política de B-boy a manter-se menina no sentido de formadora, questionadora, sonhadora, na luta por outro mundo.

Link para dissertação [aqui](#).

Cartógrafa-formadora atuante nas Políticas Públicas

Sobral, 14 de Junho de 2022.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ